

A EDUCAÇÃO BANCÁRIA EM *HOGWARTS*: COMO A OBRA *HARRY POTTER E A ORDEM DA FÊNIX* ABORDA O CONTEXTO OPRESSIVO E ANTIDIALÓGICO

Anna Laura Mariano Carlos ¹

RESUMO

A educação bancária se baseia na transmissão de conhecimentos e reconhece o professor como o centro do saber, enquanto o aluno é visto como uma espécie de recipiente, incapaz de refletir e pronto para receber o conteúdo depositado. Esta perspectiva gera um contexto hierárquico e opressor que não só invalida, mas negligencia a liberdade do estudante. Assim, o objetivo deste artigo se deu em analisar como se comporta o bancarismo e opressão no meio educacional, tendo como fundamento teórico a crítica Freiriana ao modelo de educação bancária. Outro propósito da pesquisa foi investigar como os indivíduos se comportam e como se dá a relação professor-aluno no contexto opressor. Para isso, foi utilizado o ambiente escolar do livro *Harry Potter e a Ordem da Fênix*, quinto exemplar da saga escrita por J. K. Rowling, para servir como estudo e demonstração do processo de ensino bancário. O enredo possui uma importância considerável à literatura mundial, e por isso pôde trazer uma transposição didática sobre a temática deste estudo, unindo um enredo famoso aos estudos freirianos. O método escolhido foi a pesquisa de cunho bibliográfico juntamente com a investigação exploratória, e com isso, a trama revelou a alienação vivenciada pelos alunos de *Hogwarts*, aos quais foram destituídos de seus papéis ativos na sala de aula e levados a obedecer e reproduzir o que fosse transmitido pelo professor. Além disso, a análise evidenciou a insuficiência do bancarismo, sendo este um processo de ensino mecânico, antidialógico e não significativo aos sujeitos participantes da educação.

Palavras-chave: Educação bancária, opressão, Paulo Freire, Harry Potter.

INTRODUÇÃO

A pesquisa buscou analisar como se estabelece a educação bancária, a qual é baseada na transmissão de conhecimento e geradora de um sistema opressor e antidialógico. Este estudo se desenvolveu por meio do livro *Harry Potter e a Ordem da Fênix*, quinto exemplar da saga escrita por J. K. Rowling, no intuito de explorar a temática no ambiente escolar construído no enredo. A problemática envolvida se encontra na persistência de um processo de ensino que oprime e aliena ao mesmo tempo em que desconsidera a relação educador-educando.

Rowling discorre em seu livro as mudanças que vão acontecendo na escola *Hogwarts*, mudanças estas que se relacionam com a educação bancária. O contexto escolar se resume na alienação dos sujeitos, comprometendo as relações professor-aluno e gerando um ambiente

¹ Graduanda do Curso de Letras-Inglês da Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFERSA, annalauracarlos5@gmail.com.

opressor e elitista. Assim, entende-se a necessidade em explorar tal sistema a fim de investigar seu cenário alienante.

O presente trabalho se justifica no fato de que a educação é uma ação libertadora e incompatível com a opressão. Por isso, buscar compreender como se dá o bancarismo, na tentativa de superá-lo, é um passo relevante para o processo educativo. O livro estudado exemplifica satisfatoriamente tais situações educacionais, além de expor um enredo tão conhecido e importante para a literatura infanto-juvenil.

Nesse sentido, o objetivo da pesquisa consistiu em analisar como se comporta a educação bancária, visando investigar a situação opressora advinda desta. Outros propósitos do estudo foram explorar a relação professor-aluno e como acontecem as aulas no meio bancário, além de buscar compreender o comportamento dos sujeitos diante do sistema opressivo. Para alcançar os objetivos citados, optou-se por utilizar uma pesquisa de cunho bibliográfico e caráter exploratório, no qual buscamos entender as teorias do educador Paulo Freire, mais precisamente em seus escritos *Pedagogia do Oprimido* (1968) e *Pedagogia da Autonomia* (1996), para sustentarmos a proposta da análise.

Assim, o trabalho demonstrou o caráter mecânico e opressor da educação bancária e o livro retratou uma insuficiência na aprendizagem dos personagens, diante de um sistema elitista. Os estudantes foram constantemente desvinculados de seus papéis ativos e dialógicos no processo educacional, enquanto os professores apenas transmitiam seus conhecimentos. Refletir e criticar a realidade eram ações inviáveis naquele contexto, visto que os alunos não podiam questionar e pensar, logo, não houve uma aprendizagem significativa aos sujeitos.

METODOLOGIA

Para a pesquisa, optou-se por utilizar o caminho bibliográfico e exploratório, sendo constituída pela análise do livro *Harry Potter e a Ordem da Fênix* e o estudo das teorias de Paulo Freire em seus trabalhos intitulados *Pedagogia do Oprimido* (1968) e *Pedagogia da Autonomia* (1996).

Quanto aos procedimentos, foram selecionadas situações percorridas no enredo de *Harry Potter*, as quais demonstravam conexão com o modo de ensino bancário. O intuito foi analisar os escritos escolhidos para exemplificar e explicar aspectos abordados nos estudos de Paulo Freire. Os livros utilizados durante a pesquisa relacionaram-se para promover uma visão sobre a educação bancária e opressora.

O trabalho foi dividido em duas subseções: breve resumo do enredo e análise acerca da educação bancária e opressora na escola de *Hogwarts*. A primeira traz uma contextualização da ficção, para que o leitor possa se situar na temática, enquanto a segunda abrange a análise feita sobre a educação bancária através do livro.

REFERENCIAL TEÓRICO

A educação bancária se baseia nos conceitos de narração e dissertação, onde o professor passa o conteúdo e o aluno apenas absorve. O assunto adquirido não possui relação com a realidade concreta, visto que os educandos exercem somente atividades de memorização e repetição. O contexto bancário caracteriza-se na doação do saber de um sujeito para o outro, fato que impossibilita a reflexão e criticidade diante das situações reais (Freire, 1968).

Esta transmissão de conhecimento, presente no bancarismo, tem por fundamento a ideologia da opressão. Enquanto os estudantes são vistos como “depósitos”, menos se tornam capazes de pensar autenticamente (Freire, 1996). A partir disso, o objetivo da educação bancária se concretiza por meio da autoridade do educador e a falta de liberdade do aluno, ao qual assume o papel de oprimido e incapaz.

A antialogicidade é outro aspecto característico do sistema bancário. Freire (1968) aborda a incompatibilidade entre um sistema opressivo junto ao diálogo e reflexão crítica durante o processo educativo. Em contrapartida, a educação libertadora, defendida pelo autor, se baseia no “pensar autêntico” e instiga os indivíduos a dialogarem e buscarem respostas para suas reflexões (Freire, 1996).

Tendo como base tais ideias e levando em consideração os estudos realizados por Freire (1968, 1996), a pesquisa buscou compreender o caráter da educação bancária, a fim de analisar e explicar como esta se comporta no enredo de *Harry Potter e a Ordem da Fênix*, de J. K. Rowling.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Breve resumo do enredo

A ficção conta a história de Harry Potter, um menino bruxo que viveu com seus tios trouxas (pessoas não bruxas) longe de toda a magia que fazia parte de sua identidade. Após

descobrir a verdade sobre quem era, aos 11 anos, Harry dá início aos estudos na Escola de Magia e Bruxaria de *Hogwarts*, espaço onde anos depois a educação passa por diversas mudanças, trazendo como destaque o ensino mecânico e bancário.

Tais mudanças ocorreram devido às complicações que foram acontecendo no mundo bruxo. O retorno de Lord Voldemort, um bruxo perigoso, põe em risco todos os indivíduos e gera problemas ao Ministério da Magia, órgão responsável por cuidar das questões que envolvem aquele mundo. Com isso, criou-se uma divisão de opiniões, de um lado a escola de *Hogwarts* acreditava no perigo que estava por vir e buscava soluções, enquanto do outro se posicionava o Ministério, afirmando não acreditar naquele cenário problemático.

Com medo de perder prestígio e influência, o Ministério passa a agir autoritariamente sob a escola, oprimindo opiniões diversas e criando uma massa de pessoas alienadas. Esse sistema se concretiza por meio da personagem Dolores Umbridge, funcionária do Ministério que se torna professora na escola. A mesma faz grandes interferências no ensino, tanto nas aulas de sua disciplina como nas aulas de outros professores.

Análise acerca da educação bancária e opressora na escola de *Hogwarts*

A educação bancária foi introduzida na escola através de modificações educacionais feitas pela personagem Dolores Umbridge. Logo de início, a professora já discursou manifestando suas intenções: “alguns velhos hábitos serão conservados, e muito acertadamente, enquanto outros, antigos e desgastados, precisarão ser abandonados.” (Rowling, 2015, p. 176). Suas falas a trazem validação e importância, mostrando ser a pessoa responsável por escolher o certo ou errado naquele contexto: “visando a preservar o que deve ser preservado, aperfeiçoando o que precisa ser aperfeiçoado e cortando, sempre que encontrarmos, práticas que devem ser proibidas.” (Rowling, 2015, p.176).

A mesma ficou encarregada por ministrar as aulas de Defesa Contra as Artes das Trevas, ocupando o cargo de vários professores que já passaram por essa disciplina. Um desses docentes, Remo Lupin, ficou lembrado pelos alunos por desenvolver aulas inovadoras e significativas, diferentemente da Sra. Umbridge. Esta possui um método de ensino baseado na teoria, desclassificando totalmente a importância da prática: “Este ano iremos seguir um curso de magia defensiva, aprovado pelo Ministério e cuidadosamente estruturado em torno da teoria.” (Rowling, 2015, p. 197). Além disso, os alunos foram desconsiderados de seus papéis ativos na sala de aula, visto que a docente não permite o diálogo: “Eu gostaria que os

senhores abrissem na página cinco e lessem o Capítulo Um, “Elementos Básicos para Principiantes”. Não precisarão falar.” (Rowling, 2015, p. 198).

Sua prática pedagógica assume uma relação com a educação bancária, pois se baseia no processo de transmissão do conhecimento. Para Umbridge, somente ela possuía o saber, e por isso, desenvolvia aulas enciclopédicas, onde o aluno apenas lia os conteúdos, sem a oportunidade de discutir sobre o estudo. Dolores trouxe como fundamento a antidialogicidade: “—Estou aqui para lhes ensinar, usando um método aprovado pelo Ministério que não inclui convidar alunos a darem suas opiniões sobre assuntos de que pouco entendem.” (Rowling, 2015, p. 261). A personagem desconsidera totalmente a importância do diálogo no processo de ensino, além de não respeitar os conhecimentos que os alunos já trazem consigo. Segundo Freire (1996), a dialogicidade permite os atos de investigar e refletir sobre a realidade, e para que isso aconteça, o professor deve partir do princípio de ensinar-aprender e aprender-ensinar. Ambos os sujeitos, educador e educando, podem ensinar e aprender em um mesmo contexto.

Outro docente, Snape, responsável por ensinar a matéria de Poções, também seguia a perspectiva bancária. Suas aulas se resumiam nos exercícios de narração e dissertação, abordados por Freire (1968), sendo o professor o transmissor do conhecimento e os alunos, depósitos a serem “enchidos”. Além disso, o personagem não demonstra respeito e amor pelos discentes: “Por mais debilídeos que sejam alguns alunos desta turma, eu espero que obtenham no mínimo um ‘Aceitável’...” (Rowling, 2015, p. 191). Segundo Freire (1996), enquanto professores, devemos agir com amorosidade e respeito, tendo em vista que o ato de educar exige uma boa afinidade com o outro.

Percebe-se no relacionamento professor-aluno a existência de uma situação hierárquica, a qual o docente é visto como autoridade e o aluno, sujeito receptivo e passivo. Este tipo de relação é característica da educação bancária, que enxerga o educando como um indivíduo incapaz de possuir saberes, pronto para receber o conteúdo do professor (Freire, 1968).

De acordo com Freire (1968), a educação está associada aos elementos políticos da sociedade. Entendemos aqui a política como o conjunto de fatos que se estabelecem diante do contexto social, está diretamente ligada à educação e sem ela não conseguimos desenvolver uma prática pedagógica. Todavia, o enredo mostra como a personagem Umbridge desconsidera isso e defende uma educação isolada, existente apenas dentro da escola.

Seus métodos foram questionados pelo aluno Harry Potter no intuito de entender como o estudo das teorias seria suficiente para enfrentar o perigo que corria no mundo bruxo. A

professora logo evidenciou seu pensamento em relação à política: “— Isto é uma escola, Sr. Potter, não é o mundo real.” (Rowling, 2015, p. 201). Esta perspectiva se corresponde com o sistema de ensino bancário, ao qual não promove a reflexão e criticidade sobre a realidade (Freire, 1968).

Nesse momento, a docente começa a criar uma massa de estudantes alienados, proibidos de acreditar em quaisquer problemas políticos:

O Ministério da Magia garante que não estamos ameaçados por nenhum bruxo das trevas. Se os senhores continuam preocupados, não se acanhem, venham me ver quando estiverem livres. Se alguém está alarmando os senhores com lorotas sobre bruxos das trevas renascidos, eu gostaria de ser informada. Estou aqui para ajudar.” (Rowling, 2015, p. 202).

Após questionar a professora, Harry recebeu punições que só aumentaram o quadro de alienação. O aluno teve de escrever a frase “não devo contar mentiras” inúmeras vezes, e através da magia, o escrito ficou gravado em sua mão, semelhante a um corte. Quando o educando não participa do ato educativo ou sua voz é negligenciada, este passa a ser oprimido (Freire, 1968).

Com o passar do tempo, o Ministério realizou interferências na escola e a professora Umbridge ganhou mais poderes de liderança:

Ministério quer reforma na educação: Dolores Umbridge nomeada primeira alta inquisidora da história. [...] A Inquisidora terá poderes para inspecionar seus colegas educadores e se assegurar de que estejam satisfazendo os padrões desejados. (Rowling, 2015, p. 252-253).

Percebe-se a chegada de um sistema autoritário em *Hogwarts*, gerando uma hierarquia não só com os estudantes, mas também com o corpo docente. A opressão em *Hogwarts* se agravava cada vez mais com as decisões da inquisidora Umbridge, decisões estas que não eram elaboradas com o apoio dos demais indivíduos pertencentes a escola. Os alunos eram impossibilitados de conhecer a realidade e os acontecimentos do cotidiano bruxo. Em um determinado momento do enredo, os discentes foram proibidos de ler uma revista que trazia informações sobre o retorno de Voldemort: “O estudante que for encontrado de posse da revista *O Pasquim* será expulso.” (Rowling, 2015, p. 474). Segundo Freire (1968), a educação é transformadora quando refletimos acerca dos impasses existentes na sociedade e os problematizamos. Esta perspectiva não conversa com o contexto escolar do livro, visto que os estudantes são impedidos de conhecer e refletir sobre a realidade.

A aprendizagem dos educandos sofreu com um declínio da qualidade diante da educação bancária. Enquanto Harry discutia com a professora Minerva McGonagall sobre seguir uma carreira de auror (profissional que caça bruxos do mal) ao terminar os estudos, a sra. Umbridge inspecionava a aula e analisava a conversa. Foi dito ao aluno que para seguir tal profissão, precisaria obter boas notas em Defesa Contra as Artes das Trevas. A partir disso, houve um desentendimento entre as docentes, a primeira relatou o bom desempenho de Harry na disciplina nos anos anteriores e a segunda expôs as notas ruins do discente: “— Sinto muito ter de contradizê-la, Minerva, mas, como pode ver no meu bilhete, Harry tem obtido resultados muito fracos nas minhas aulas...” (Rowling, 2015, p. 539). A resposta de McGonagall para tal afirmação foi: “— Eu devia ter falado com mais clareza. [...] Ele obteve notas altas em todos os exames de Defesa Contra as Artes das Trevas aplicados por um professor competente.” (Rowling, 2015, p. 539). Entende-se assim a insuficiência da educação bancária, visto que não traz uma aprendizagem significativa e reflexiva (Freire, 1968).

Além disso, os próprios educandos desgostavam das aulas bancárias, as consideravam tediosas: “Harry com frequência ouvia estudantes dizerem coisas do tipo: ‘Francamente, tem dias que simplesmente tenho vontade de montar minha vassoura e ir embora deste lugar’.” (Rowling, 2015, p. 549). Opiniões como essa eram comuns devido a inatividade do aluno dentro da sala de aula. No bancarismo, o discente não participa do ato educativo, apenas escuta e recebe o que for repassado pelo professor (Freire, 1968).

Diante de um contexto opressor em *Hogwarts*, os alunos se sentiam incapazes com tantas regras e punições. Todavia, isso não impossibilitou que a massa de estudantes unisse forças contra o sistema. De acordo com Freire (1968), os opressores da educação bancária não percebem a existência da contradição, que cedo ou tarde poderão enfrentar um confronto com os estudantes oprimidos. As palavras do autor se concretizaram certamente no enredo do livro. Os alunos, cansados de uma aprendizagem mecânica, reuniram-se constantemente para estudar e praticar magias necessárias aos perigos trazidos por Voldemort. A líder do grupo é Hermione, uma das alunas, e o escolhido para ministrar as aulas práticas foi Harry Potter, devido ter mais experiência com os feitiços. O grupo passou a se chamar Armada de Dumbledore (AD):

— Todos a favor da AD? — perguntou Hermione com um ar autoritário, ajoelhando-se na almofada para contar. — Há uma maioria a favor... moção aprovada! [...] Ela prendeu o pergaminho com as assinaturas de todos na parede e escreveu em cima, em letras garrafais: Armada de Dumbledore. (Rowling, 2015, p. 322).

A organização do grupo se estendeu até as rebeliões lideradas pelos gêmeos Weasley, personagens que faziam parte da massa de estudantes. Revoltados com a opressão vivenciada, os irmãos decidiram fazer uso da magia para pregar uma peça e irritar a inquisidora, transformando o corredor de *Hogwarts* em um pântano: “— Então! — disse Umbridge triunfalmente. [...] Então... vocês acham divertido transformar o corredor da escola em um pântano?” (Rowling, 2015, p. 547). Como esperado, a personagem resolveu puni-los, mas estes conseguiram fugir a tempo. Aqui percebe-se um outro exemplo do que foi dito por Freire (1968), quando o oprimido reconhece sua força, a usa como instrumento de luta contra um sistema bancário e antidemocrático.

Assim, através do enredo, é possível entender que o sistema de ensino implementado em *Hogwarts* não se corresponde com a educação transformadora e significativa, defendida por Freire (1968). Esta se diferencia do bancarismo por evidenciar a horizontalidade entre o educador-educando e buscar transformações na sociedade por meio da criticidade e reflexão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa serviu como recurso didático para transpor os estudos realizados por Paulo Freire. Através do famoso livro *Harry Potter e a Ordem da Fênix*, foi possível identificar como se comporta a perspectiva bancária e de que forma ela conversa com as abordagens freirianas. A análise demonstrou o processo de desenvolvimento da opressão e da antidialogicidade no âmbito da educação bancária. Esta abordagem educacional possui um caráter mecânico, uma vez que considera o professor como a única fonte de conhecimento, enquanto o aluno assume uma posição passiva, incapaz de participar ativamente no processo de ensino-aprendizagem.

O enredo exemplifica satisfatoriamente como se estabelece o bancarismo e sua incompatibilidade com um ensino crítico e significativo. Os alunos de *Hogwarts* enfrentaram períodos de alienação e opressão trazidos por consequência de um sistema autoritário conduzido pelo Ministério da Magia. Dentro desse contexto, as interações entre professores e alunos se restringiram predominantemente aos aspectos de autoridade e submissão, limitando-se a uma dinâmica baseada na imposição e na passividade.

Assim, constatou-se a insuficiência da educação bancária, quando levado em consideração o desempenho e a aprendizagem dos educandos. Estes não eram sujeitos participativos do ato educacional, e por isso, se enxergavam incapazes e sentiam dificuldades



para aprender. Além disso, foram desconsiderados de seus papéis críticos, visto que eram constantemente proibidos de analisar os acontecimentos políticos do mundo bruxo.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 82 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e a Ordem da Fênix**. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.